

“Black Sisyphus”, de Claire Harris: discussões sobre humanidade na perspectiva decolonial

“Black Sisyphus”, by Claire Harris: discussions on humanity through decolonial perspectives

Liane Schneider¹

Sandra Regina Goulart Almeida²

Submetido em 24 de agosto e aprovado em 17 de outubro de 2021.

Resumo: Ao longo do presente artigo, propomos um olhar crítico sobre o poema de Claire Harris, intitulado “Black Sisyphus”, em que é recriada uma relação entre uma figura paterna negra e uma criança de seis anos, relendo as tradições culturais ocidentais por outro viés comparadas às culturas clássicas construídas em torno dessa figura mitológica. Partimos de leituras analíticas de Lynette Hunter, Rosemary Sullivan, SmaroKamboureli e George Elliot Clarke com o intento de olhar criticamente para os vários discursos sobre a produção poética da autora canadense-caribenha em foco. Também damos voz a autores como Spivak, Quijano, Mignoloe Lugones a fim de localizar o debate pelo viés decolonial. A experiência negra aparece aqui marcada pelos descolamentos vivenciados entre as Américas e a África, afinados com o debate decolonial, destacando a resistência construída de forma intergeracional.

Palavras-chave: Claire Harris. Decolonialidade. Humanidade. PoesiaCaribenha-canadense

Abstract: Along the present article, we propose a critical reading of the poem “Black Sisyphus”, by Claire Harris, recreated in the relation of a father figure and a six-years old child, rereading western cultural traditions through different lenses if compared to classic views on such a mythological figure. Departing from readings developed by Lynette Hunter, Rosemary Sullivan, SmaroKamboureli and George Elliot Clarke, we critically discuss several discourses on the poetic production of the analyzed Caribbean Canadian poet. We also point out ideas by Spivak, Quijano, Mignolo and Lugones, who support the decolonial debate we propose. Black experience is represented through displacement between Americas and Africa, in tune with decolonial debate, stressing resistance constructed through different generations.

Keywords: Claire Harris. Decoloniality. Humanity. Caribbean-Canadian poetry.

I. Introdução

Claire Harris sempre se definiu primordialmente como escritora, mesmo tendo, por anos, exercido o cargo de professora na Universidade de Calgary, Canadá. Nascida em Porto de Espanha, Trinidad, em 1937, Harris declara que sua primeira estadia mais longa na Nigéria para fins de especializar-se na área de Comunicação e Mídia teria servido como um impulso ou até como guinada pessoal em termos de percepção do mundo em que se inseria até então: “A cultura completamente diferente da Nigéria me forçou a prestar atenção” (...) e, [concluí que minha] “tarefa como escritora seria retornar à África, ao seu lugar no centro, no coração da Civilização Ocidental”³. (KAMBOURELI, 2007, p. 81).

Na verdade, a partir especialmente desta viagem a Nigéria, Harris reconhece que os temas que desenvolve estão

(...) dolorosamente ligados à conscientização de que os Africanos, na América do Norte, e, claro, também na Europa, sofreram perdas traumáticas. As nações que infligiram e continuam a infligir essas perdas nunca reconheceram seus crimes (...). Não pode haver cura enquanto um grupo continua a perceber o outro de forma não aceitável. Não há aceitação de nossa herança conjunta, e tampouco do tecido cicatricial que nos circunda. (KAMBOURELI, 2007, p.81)⁴.

Harris imigrou para o Canadá nos anos sessenta, despontando, a partir de então, em várias antologias, entre as quais a acima citada, *Making a difference*, organizada pela crítica literária Smaro Kamboureli, como poeta que desenvolve uma “poesia a partir de estilos variados, lírica curta, longas sequências (...) textos que por vezes exigem todo o espaço da página em que se apresentam, indicando as diferentes formas de se abordar as coisas”⁵. (KAMBOURELI, p. 82).

Na Introdução à antologia Poesia de Mulheres Canadenses [*Poetry by Canadian women*] (2001), organizada por Rosemary Sullivan (2001, p. xiii), Harris também aparece entre outras renomadas escritoras caribenhas que aportaram no Canadá na década de setenta.

Os anos setenta assistiram à chegada ao Canadá de escritoras imigrantes de culturas bastante diferentes, cuja produção está

apenas começando a ser largamente conhecida: escritoras do Caribe, tais como Claire Harris, Marlene Nourbese Philip e Dionne Brand, redesenharam, a partir de suas raízes tanto políticas quanto linguísticas, uma nova poética – criativamente subversiva ao quebrar com as fronteiras estreitas da linguagem convencional.⁶

As três autoras citadas, nascidas em décadas subsequentes, Harris nos anos trinta, Philip, nos quarenta, e Brand, na década de cinquenta, tiveram grande reconhecimento no Canadá ao longo dos anos, sendo consideradas, em geral, como autoras afro-caribenhas ou canadenses negras, sendo que a produção literária delas certamente ajudou a redefinir o conceito de literatura canadense a partir da segunda metade do século XX.

II. Escritoras canadense-caribenhas e a crítica literária

Lynette Hunter, em seu artigo “Aftermodernism: alternative voices in the writings of Dionne Brand, Claire Harris and Marlene Philip”, concordando com Lorris Elliot e suas colocações em *Literary writings by blacks in Canada*, registra que ocorreu uma explosão de atividade literária por parte de autores/as negros/as no Canadá a partir dos anos setenta, mencionando as três autoras supracitadas como parte desse novo momento. Hunter (1992, p. 256) destaca estas três escritoras, todas de Trinidad e Tobago, como “desenvolvendo uma escrita que aborda três tópicos intimamente relacionados: raça, acesso, e propriedade da tradição verbal, literária ou linguística no que diz respeito à escrita”⁷. Partindo da noção de que raça e racismo estão entre os tópicos mais importantes para a comunidade de escritores negros do Canadá, Hunter (1992, p. 256) aponta os seguintes questionamentos:

(...) como as escritoras negras que conseguiram tal acesso usam isso a fim de desenvolver uma resposta específica aos problemas de se escrever, a partir de uma cultura que é vivenciada como estranha devido a questões de raça, gênero e classe; e como elas equilibram a necessidade de contar e recontar, de forma clara e imediata, uma história mais apropriada sobre suas memórias do que a que é oferecida pela cultura que está no poder (...)⁸.

Segundo Hunter (1992, p. 259), Harris argumenta que jovens estudantes de Trinidad, como no seu caso particular, foram expostos a experiências de doutrinação em sua vida escolar, vivenciando a língua, cultura e tradição ocidental europeia como eixo

central em sua formação. Harris afirma que tudo que aprendiam era intrinsecamente europeu (Chaucer, Wordsworth, Arnold). A escritora destaca que o uso de dialetos diversos e o ato de fraturar poeticamente a relação entre palavra e imagem seriam ferramentas usadas pelas escritoras para se contrapor a essa tendência. Conforme Hunter (1992, p. 260), Harris vê urgência em que se examine a relação com a África, mesmo implicando que novos relatos sobre origens, história e cultura no momento atual sejam muito problemáticos.

Ao comentar o poema em foconeste estudo, a crítica aponta que

(...) em 'Black Sisyphus', a escritora volta a sua infância e ao pai. É um poema interessado nas contradições pós-coloniais, moldadas pelas instituições religiosas e pelas crenças de seu pai. Entre essas tensões, ele também segura sua mão, querendo remodelá-la, com todas as dualidades complicadas do cuidar e do poder que os pais exercem.(HUNTER, 1992, p.266)⁹.

De fato, especificamente neste poema Harris trata centralmente da tensão racial e cultural como parte dos conflitos pós-coloniais vivenciados. Ao longo dos versos, a poeta articula imagens quanto aos lugares que o mundo ocidental, no caso, canadense, que se define e ainda é largamente percebido como branco (apesar das tantas nações indígenas, por exemplo, que ocupam aqueles territórios desde tempos imemoriais), oferece aos migrantes a partir de processos de deslocamentos marcados inclusive pela escravidão. Aqui a poeta ainda não se centra tanto nas vozes femininas, como fará mais adiante em sua obra.

Muito tem sido escrito não apenas sobre a obra de Harris, mas, de forma quase concomitante, sobre o trio de escritoras canadenses-caribenhas que ela forma com Phillip e Brand. Entre textos críticos produzidos sobre as autoras, alguns já aqui mencionados (Hunter, Kamboureli, Sullivan), vários deles escritos em afinção com perspectivas dos feminismos contemporâneos, encontramos o artigo "Harris, Philip, Brand: three authors in search of literate criticism", de George Elliot Clarke, crítico canadense, que destoa de várias das outras abordagens críticas aqui citadas. Clarke desenvolve um texto ao longo do qual desconstrói todo tipo de crítica literária desenvolvida sobre as autoras caribenhas canadenses até o momento, principalmente por acreditar que tais estudos destacam

demasiadamente o caráter político (feminista, antirracista) das autoras, desconsiderando aspectos estéticos que mereceriam, a seu ver, maior destaque.

Revisitando textos críticos de Hunter, Morrell, Walcott, Chancy, Rudy e Ramraj, que tratam da produção das três autoras enfocadas, Clarke produz um texto irônico, em que questiona o lugar da voz crítica ao ler tais obras, ou, a seus olhos, indicaria uma tentativa simplista de ler Harris, Philip e Brand por meio de noções de identidade e comunidade excessivamente valorizadas e simplificadas. As críticas de Clarke voltam-se ao olhar crítico do que ele define como acadêmicas brancas canadenses e europeias (feministas), de acadêmicos brancos, de críticos negros, enfim, de inúmeros olhares que se debruçam sobre a obra de autoria canadense-caribenha. O artigo é tão crítico quanto ao que já foi produzido sobre as obras que nos faz buscar com curiosidade aquela proposta por Clarke, para além de apontar limitações e enganos por parte de outros/as críticos/as literários/as. Na última página e no último parágrafo de seu texto acima citado, e apenas ali, ele dá pistas quanto ao que pretende:

A fim de evitar tais lacunas intelectuais, precisamos mudar os termos do debate. Não é mais suficiente aplaudir a tomada de voz de escritoras de lugares ex-cêntricos. Devemos nos engajar com suas poéticas, suas estruturas, estilos, influências; as histórias de suas produções textuais, recepções e circulações; nas conexões literais entre uma *poesis* teórica e sua práxis política, caso haja¹⁰.

Apesar de criticar o uso do “we” por parte de algumas das vozes críticas que apontou como vacilantes ao longo do seu artigo, por se apoiarem demasiadamente na noção de grupos formados por feministas, negras, caribenhas, etc., no qual o “nós” falaria pelo grupo, Clarke adota a segunda pessoa do plural sem maiores explicações quanto a quem o acompanha em sua noção de plural, como na citação acima.

Diante de tantas polêmicas levantadas por Clarke, inclusive defendendo que há muitas outras autoras e autores canadenses que deveriam ser mais estudados e criticados para além do trio Harris, Philip, Brand, é importante destacar o relevante papel que essas escritoras tiveram na divulgação da literatura canadense-caribenha e no processo de questionamento de um cânone literário majoritariamente branco e europeu, que por muitos anos dominou o cenário da literatura canadense, mesmo aquela produzida por mulheres.

No caso de Claire Harris, cujo trabalho é abordado neste trabalho, destacamos mais uma vez o reconhecimento da autora, não apenas pela crítica literária desenvolvida em torno de seus trabalhos, mas também pelas premiações que obteve. Claire Harris recebeu o *Commonwealth Award for Poetry in the Americas* em 1984, o *Writers' Guild of Alberta Poetry Prize* e o *Alberta Culture Poetry Prize* em 1986, e ainda a indicação ao *Governor General's Award for Poetry*, em 1993. Ainda assim, identificamos poucos estudos sobre o poema em questão.

III. A perspectiva decolonial e a noção de humanidade

O poema de Harris explora questões que remetem à herança colonial enraizada na memória individual e coletiva e pode ser analisado pela perspectiva contemporânea dos estudos pós-coloniais e decoloniais.

Walter Dignolo argumenta que no atual contexto pós-colonial torna-se necessário pensarem uma “gramática da decolonialidade”, isto é, “uma luta pela decolonização epistêmica” que perscrute as consequências do fazer decolonial no sentido ético, político e teórico. Daí surge a premência de uma postura que se coadune com essa preocupação que é tanto uma posição ética quanto uma disposição política efetuada por meio de uma atitude de vigília ininterrupta. Estar vigilante, no sentido que Spivak dá ao termo, significa não apenas estar atenta às forças da matriz colonial de poder, mas também às possíveis construções ilusórias de democracia e engajamento político e ético e às cumplicidades das posições de intelectuais, como no caso de Harris, tanto pós-coloniais, quanto decoloniais. Significa ainda abrir espaço para um aprendizado contínuo a partir do outro, daquele ou daquela cujo discurso silenciado corre o risco de ser apropriado e, assim, ainda mais emudecido. Nas reflexões de Spivak, a autora insiste em uma postura que se proponha a questionar os privilégios de uma elite pós-colonial num mundo neocolonial, e, poderíamos complementar, que se proponha a trazer um questionamento sob uma perspectiva decolonial, como Harris nos convida a fazer. Refletir sobre histórias legíveis, alternativas e críticas, como faz Harris, mantendo essa postura desestabilizadora e intervencionista torna-se, então, um papel decisivo de autores e críticos contemporâneos que abordam a temática.

Podemos, assim, indagar como poderia uma atitude decolonial fornecer uma história ou leitura alternativas, a partir do lócus específico de enunciação de um sujeito subalterno e de um espaço da subalternidade e da alteridade, mas que também se articule a um possível agenciamento. É importante atentar para o fato de que a subalternidade, como operador crítico, não pode nem resvalar para um discurso vitimizante, nem se tornar uma figura fetichizada e exotizada para um suposto consumo, posto que não há qualquer valor em se congelar o sujeito subalterno nesse espaço excludente e destituído de possibilidade de poder e agenciamento ou entregar nas mãos de outrem (geralmente um intelectual do primeiro mundo, apesar de suas supostas boas intenções) o destino a ele/ela reservado. Deve-se, ao contrário, realizar um trabalho efetivo e, principalmente, ético contra a subalternidade por meio de espaços de escuta qualificada para com o subalterno que não consegue falar porque não pode ser ouvido, sendo essa a responsabilidade ética que cabe a uma crítica decolonial e que Harris abraça em seu trabalho.

Deriva desse questionamento da posição ética que se coloca com relação ao subalterno uma necessária e imbricada reflexão sobre a violência ou cegueira epistemológica (nas palavras de Maria Lugones) ou a violência epistêmica (Spivak) que determina uma certa cumplicidade entre indivíduos e que frequentemente mantêm inalteradas as estruturas da colonialidade do poder – em um sistema que Lugones denomina apropriadamente de “sistema moderno/colonial de gênero”. Ao expandir e complicar a teorização sobre o sistema da colonialidade do poder e a modernidade do pensador peruano Anibal Quijano, Lugones argumenta que a lógica da separação categórica entre raça e gênero distorce o que existe na interseção dessas categorias, ou seja, a violência contra as mulheres de cor: “é apenas quando percebemos o gênero e a raça como sendo imbricados ou amalgamados é que conseguimos, de fato, ver as mulheres de cor”, pois “o eixo da colonialidade não é suficiente para perceber todos os aspectos do gênero” (LUGONES, 2010, p. 373-74). Ressalte-se que tal sistema não apenas frequentemente ignora a inerente e necessária transversalidade de gênero, como também, por vezes reforça seu distanciamento por meio da “construção gendrada do conhecimento na modernidade” (LUGONES, 2010, p. 377-378).

Se, como afirma Lugones (seguindo a trilha de Quijano), o sistema de colonialidade, construído historicamente a partir da colonização europeia, não se refere apenas a um

domínio sobre uma suposta classificação racial, mas permeia todo o controle imposto sobre o sexo, a subjetividade, a autoridade e o conhecimento, cabe examinarmos como esse sistema é preservado em contextos nos quais um discurso de agenciamento de um sujeito (que permanece silenciado) parece apagar esse histórico. Essa questão revela não apenas a produção “gendrada” do conhecimento como também o imbricamento desse sistema de gênero com a colonialidade do poder como uma mútua forma constitutiva, bem como o fato de que, como sabemos, tanto a raça quanto o gênero são ficções poderosas.

Dessa forma, refletir sobre a responsabilidade ética e a um posicionamento crítico no contexto do sistema moderno/colonial de gênero/raça, sobre o qual nos fala Lugones, e que Harris examina em seu poema, nos permite estabelecer uma articulação pertinente com os lugares de fala dos sujeitos pós-coloniais e decoloniais.

IV. “Black Sisyphus”, de Harris, e a humanidade problematizada

O poema “Black Sisyphus”, de Claire Harris, trata especialmente de uma figura paterna que estabelece relação com o eu lírico. É interessante considerar que a figura paterna, central neste poema, remete, de certa forma, à imagem do pai de Harris, que trabalhou por anos como inspetor de escolas em Trinidad, tendo sua mãe sido professora. Portanto, a família esteve desde sempre imersa no mundo de instituições educacionais e a própria Claire Harris, após ter lecionado por alguns anos em seu país natal, decidiu migrar para o Canadá, onde continuou atuando na área da educação superior por mais de vinte anos. Quanto à vida no novo país, em uma entrevista de 1999, Harris explica: “o Canadá me ofereceu um espaço para escrever, espaço sem a autocensura necessária em sociedades menores. Aqui eu era anônima, podia dar-me o direito de fracassar”¹¹ (WILLIAMS, 2000, p. 43). Portanto, após a migração, Harris ousa ocupar novos lugares em seu ofício de escritora, trazendo consigo muito da tradição que herdou de seus pais e de seu país.

Neste poema, Harris se apoia inicialmente numa imagem da mitologia grega, Sísifo, que é conhecido por ter enganado a morte em pelo menos duas oportunidades. Assim, foi condenado a rolar uma pedra montanha acima por toda sua existência, tornando-se uma figura mitológica lida como símbolo de trabalho ou esforço inútil, infinito e sem sentido. Neste poema, no entanto, é um Sísifo negro que ocupa o lugar central no poema.

E como teria Harris chegado ao seu Sísifo negro? Como seus versos constroem essa figura, aqui racialmente marcada?

A ideia de um trabalho sem sentido, sem propósito, que é invalidado a cada vez que não é completado ou é desfeito próximo a atingir sua meta, assemelha-se àquele definido como “escravo”, seja a partir de reais formas estruturadas de escravização ou como trabalho inútil, imposto por relações econômicas opressivas, caracterizado como ação sem sentido e sem recompensa verdadeira. Portanto, podemos ler o Sísifo negro de Harris como uma metáfora para a atividade forçada, não escolhida livremente, nem planejada, e, por isso mesmo não reconhecida, que foi por séculos imposto às populações africanas escravizadas nas Américas, implicando em tarefas repetitivas, quase automáticas, que apenas favoreceriam um dos lados envolvidos – o dos senhores. Inclusive a partir da mitologia grega, não haveria nada mais terrível do que um trabalho de tal forma inútil, sem esperanças e sem sonho de mudança; na prática, isto seria algo semelhante à tortura. Também cabe considerar, para além dos ecos que tal noção indica ter com o trabalho escravo, como essa se vincula às condições opressivas do trabalho contemporâneo, em que baixos salários, condições intoleráveis de atuação, entre outras, seriam novas formas de escravização e opressão.

É interessante observar que o eu-lírico no poema de Harris se mostra por meio do olhar de uma criança, que enxerga e acessa o mundo via figura paterna em seus movimentos pelo mundo. São feitas várias referências a caminhos tortuosos e difíceis que a imagem do pai tem de percorrer dia após dia:

(...)

for months my father drove down green uneven

roads to the capital where tar flowed under noonday heat in daily
manoeuvres around new obstacles

to take form again in cold pale morning¹¹
he drove those roads in mutters searching through

the crumpled pathways of his brain while his
voice rose and stumbled in the sibilant argument

he enjoyed with life he could not be
convinced that being human was not enough

As referências a subidas e descidas por estradas tortuosas e difíceis mencionadas nestes primeiros versos do poema, tanto reais, geográficas, quanto mentais, movimentou elucubrações que se apresentam como sendo repetidos/as ao longo de meses, surgem enquanto a voz lírica se questiona se não bastaria ser humano. A chave da problemática se insinua como sendo esta – por que ser mais do que humano? A quem não basta ser simplesmente humano?

Há diversas leituras quanto a esses movimentos repetidos que a figura paterna evoca. Maria Caridad Casas, no livro *Multimodality in Canadian black feminist writing: orality and the body in the work of Harris, Philip, Allen, and Brand*, aponta que, na poesia de Harris, os corpos estão sempre presentes e atuantes. Casas (2009, p. 177) destaca ainda que, em “Black Sisyphus”, a figura paterna apresenta esse movimento corporal, tanto no ato de movimentar-se para protestar cada vez que desce pelos caminhos tortuosos mencionados e, mais adiante, demonstrando sua reação novamente, através da linguagem corporal, pelos movimentos que performatiza, como o curvar-se, mover a cabeça e outros gestos carregados de significados naquele contexto.

No poema são feitas referências ao homem – ser humano – em contraposição ao homem em Deus, que se afasta até da sua humanidade ao cristianizar-se (that there was no bridge he could cross/ he would not ‘forget de man’ nor leave him to God). Como podemos observar, não há pontes a serem cruzadas entre esses dois lugares – ser simplesmente humano ou um ser na religião, vivendo em e por Deus, que tudo criou e nomeou, segundo o Cristianismo e suas escrituras.

Seguindo tais observações e mencionando a terra como um “jardim ilha” (Éden?), vemos que esta figura masculina e paterna não quer ser novamente expulsa, mas insiste em buscar nomear as coisas a seu modo, resistindo à imposição de outra língua e visão de mundo. Acreditamos que, com esse objetivo, são apresentados entre os versos do poema de Harris, dois versos do poeta sueco Thomas Tränstromer, de 1963; em itálico, esses dizem o que segue: “*the road from one way of life to another is hard/ those who are ahead have a long way to go*”. Por qual motivo teria Harris destacado e dado espaço a um poeta branco e sueco em seu poema que trata da figura paterna, que lida com a dificuldade de se mudar a caminhada, a direção, apontando que mesmo os que se percebem como

adiantados, avançados, mal sabem quão longo tal caminho entre diferentes formas de vida seria?

Em um editorial do jornal *The Guardian* (2011), que menciona alguns poetas que, de fato, teriam merecido o Prêmio Nobel, Tränstromer é mencionado como dotado de um estilo aparentemente simples ao tratar das complexidades do humano e lemos o que teria dito o poeta: “Não se envergonhe por ser humano: tenha orgulho! Dentro de você segredos e mais segredos se abrem infinitamente. Você nunca estará finalizado e é assim que deve ser”¹².

A discussão sobre o humano, sobre a vida social como estrada infinita que se desdobra desenvolvida por esse poeta sueco no século XX, estabelece diálogo, a nosso ver, com o olhar sobre o humano que Harris propõe em “Black Sisyphus”. Vale lembrar que o poema de Tränstromer, cujos versos são citados por Harris, é retirado de “Froman African Diary” e podemos reconhecer as conexões e interesse de ambos poemas sobre tensões entre colonizado e colonizador, ocidente e não-ocidente, cristianizados e não-cristianizados, apontando que a estrada por entre formas diversas de vida sempre foram difíceis, como lemos, *the road from one way of life to another is hard*, nas palavras de Tränstromer, citadas por Harris. Pode-se inferir que Harris destacou os versos do poeta por sua voz ser reconhecida no que diz respeito a discussões sobre humanidade, discutida e problematizada também pela poeta caribenha-canadense por uma perspectiva pós e decolonial, diferentemente da voz religiosa potencialmente imposta pelo colonizador nas Américas anteriormente. O poema de Harris indica que, na verdade, a perspectiva religiosa-cristã foi responsável por amaldiçoar o homem (ser humano) negro, vinculando-o ao enxofre, ao pecado, enfim, ao demoníaco (they damned him thundered fire brimstone the sin of pride).

Não apenas o corpo daquele Sísifonegro seguia pelos caminhos tortuosos buscando por justiça, mas ele vinha carregado de cartas, na tentativa e insistência de ser visto e reconhecido em sua humanidade e em suas reivindicações. Finalmente quando um pedido de desculpas surge, sinal de justiça anunciada, é de fato seu corpo que se manifesta: fica de pé, acena com a cabeça, se curva e anda para longe através dos ecos de seu silêncio, com olhos baixos, por entre sinos e incensos (he stood nodded bowed strode in his own echoing

silence out o flowerede yes/bells/incense). Esses movimentos, que foram performatizados repetidas vezes, simbolizando elos com perspectivas religiosas tidas como definidoras de humanidade ao longo de processos colonizatórios, são problematizadas a partir de determinado momento e lugar. Há, sim, neste Sísifo, uma menção a orgulho – de conquista e de vitória, o que difere muito do Sísifo clássico. Enquanto o Sísifo grego não aponta saídas para seu destino marcado por castigos e torturas infinitas, o Sísifo negro de Harris está, nos últimos versos do poema, acompanhado da nova geração, tentando remodelar as possibilidades de vida e de humanidade.

V. Considerações finais

Clarke, em seu mencionado artigo, aponta que se pode extrair leituras mais produtivas ao tratar da poesiade Harris, Philip e Brandse forem evitadas leituras centradas na voz e comunidade, segundo ele, excessivamente simplificadas. Clarke aponta:

(...) Descobriremos que é a busca por uma língua – uma língua materna – apesar das gramáticas do imperialismo e os princípios de subjugação – que capacitam essas/es escritoras/es a criar sua poesia e ficção qualificada. Revelaremos essas verdades – a não ser que estejamos cansados de escrever¹³.

O crítico aposta aqui numa língua mãe, para além das gramáticas do imperialismo e os princípios de subjugação – que permita que as poetas fundamentem sua autoridade poética e ficcional. Nos perguntamos se, ao falar em língua mãe, não estaria Clarke também imaginando uma comunidade, que compartilha uma forma de expressão comum, algo que possa unir indivíduos, tudo que ele condenou ao longo de seu artigo, como mencionamos anteriormente. Obviamente, a crítica desenvolvida sobre a literatura negra não deve seguir por caminhos excessivamente limitados, nos quais a criação artístico-literária é instrumentalizada para tratar exclusivamente de questões sociais ou culturais. Contudo, há que se apontar os elos, as intersecções que marcam os sujeitos e as produções literárias que esses/essas produzem a partir de seus lugares de fala. A problematização de conceitos de humanidade ofertada e/ou negada a determinados grupos, conforme suas inscrições étnico-raciais e sociais, continua sendo foco de debate nos tempos contemporâneos.

Ao dar entrevista sobre seu livro *Afropessimismo*, recém lançado no Brasil, Frank B. Wilderson, professor da Universidade da Califórnia, EUA, discute, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, que os negros ainda hoje não são vistos como humanos, mas como objetos, pois a dinâmica racial da escravidão se mantém ativa, não havendo conciliação possível. Wilderson coloca: “sugerimos que a escravidão é uma dinâmica racial que não terminou. Não importa o que digam no discurso consciente, no inconsciente o corpo negro não é considerado um ser humano, mas um recurso para as pessoas”. Ao mencionar Fanon e sua discussão sobre negrofobia e negrofilia, Wilderson ressalta que os negros ainda são encarados como objetos para serem destruídos ou consumidos – destruídos, devido a um medo inconsciente por parte da cultura dominante em relação aos mesmos; consumidos, graças à admiração atrelada, nas palavras de Wilderson ao corpo negro, “à exuberância de sua negritude, pela sua música, ou pela forma como fala”. De toda forma, a tentativa insistente e histórica de objetificação e desumanização do corpo negro permanece e é radicalmente criticada por Wilderson.

Por outro lado, Maria Lugones (2020, p.55), ao rechaçar “a instrumentalidade do sistema de gênero colonial/moderno na subjugação – tanto de homens como de mulheres de cor”, indica como cruel a “dissolução forçada e crucial dos vínculos de solidariedade prática entre as vítimas da dominação e exploração que constituem a colonialidade”. A autora aponta a importância de se rechaçar esse sistema, enquanto se promove uma transformação das relações comunitárias, olhando, com interesse, para os processos de entrelaçamento e produção de raça e gênero. Ao longo de seu artigo, Lugones (2020, p. 53) aponta a histórica indiferença dos homens “que foram e continuam sendo vítimas da dominação racial, da colonialidade do poder (...), inferiorizados pelo capitalismo global” no que se refere à violência específica sofrida pelas mulheres de cor. Segundo a autora, esta indiferença em relação à violência vivenciada pelas mulheres destas comunidades já indicaria uma indiferença “diante das transformações sociais profundas em [nossas] estruturas comunitárias e, por isso totalmente relevantes à recusa da imposição colonial” (LUGONES, 2020, p. 53-54).

Em afinação com Lugones, que destaca a voz que dialoga e reinscreve a(s) comunidade(s) através da produção cultural, defendendo um olhar crítico que analise

os processos de colonização pelas perspectivas de gênero, lemoso poema “Black Sisyphus” de Harris como ilustrativo de los estabelecidos entre gerações que resistem, resistênciacomunitária construída ao longo dos tempos e por contextos (geográficos, geracionais, sexuais) diversos, desafiando qualquer noção homogênea de identidade e comunidade, contudo, sem negar e, ao contrário, dando destaque aos diálogos culturais que tornam viável pensar um Sísifo negro que olhe para um futuro mais promissor, de cuja modelagem e construção ele mesmo participa como agente, possibilitando imaginar formas diferentes de vida que abalem sistemas opressivos diversos. Além disso, enquanto o Sísifo da mitologia grega está executando sua tarefa repetitiva de forma solitária, o Sísifo de Harris aparece na forma de versos pareados ao longo de todo o poema, estando a figura paterna acompanhado de uma criança de seis anos, com quem está de mãos dadas (his finger skneading my six year old hands /as if they would refashion them), formando uma dupla (de versos e vozes) que olha para o que está por vir enquanto planeja como atuar sobre os desdobramentos da colonialidade no tempo presente, propondo formas de resistência.

Ao celebrar os 20 anos da *Interfaces Brasil/Canadá*, comemoramos não somente a longevidade deste importante periódico acadêmico, mas também as possibilidades trazidas ao longo dos anos por publicações que colocaram em diálogo críticos brasileiros e canadenses na produção de pensamento crítico decolonial, capaz de trazer outras formas de reflexão e jogar luz sobre a obra de intelectuais dos dois países de forma colaborativa.

Referências

CASAS, Maria Caridad. *Multimodality in Canadian black feminist writing: orality and the body in the work of Harris, Philip, Allen, and Brand*. New York, Rodopi, 2009.

CLARKE, George Elliot. Harris, Philip, Brand: three authors in search of literate criticism. *Journal of Canadian Studies / Revue d'études canadiennes*. Toronto, v. 35.1, n.1, 2000, p. 161-189.

ELLIOTT, Lorris. *Literary writing by blacks in Canada*. Multiculturalism and citizenship (ed. Michael S Batts). Ottawa: Department of the Secretary of State of Canada, 1988, p.1-40.

HUNTER, Lynette. After Modernism: alternative voices in the writings of Dionne Brand, Claire Harris, and Marlene Philip. *University of Toronto Quarterly*, Toronto, Volume 62, Number 2, 1992/93, p. 256-281.

KAMBOURELI, Smaro (ed.). *Making a difference: Canadian multicultural literatures in English*. Don Mills: Oxford UP, 2007.

LUGONES, María. The coloniality of gender. In: MIGNOLO, Walter D., ESCOBAR, Arturo (Orgs.). *Globalization and the decolonial option*. London and New York: Routledge, 2010. p. 369-399.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020, p.53-83.

MIGNOLO, Walter D. Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of decoloniality. In: MIGNOLO, Walter D., ESCOBAR, Arturo (Orgs.). *Globalization and the decolonial option*. London and New York: Routledge, 2010. p. 303-368.

MIGNOLO, Walter D. La opción descolonial. *Letral*, Granada, vol.1, n. 1, 2008, p. 4-22.

MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria (Eds.). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table Press, 1981.

NEW, W.H. (ed.) *Encyclopedia of literature in Canada*. Toronto: Oxford UP, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

SULLIVAN, Rosemary (ed.). *Poetry by Canadian women*. Toronto: Oxford UP, 2001.

IN PRAISE of Thomas Tränstormer, *The Guardian*, 07 de out 2011. Acesso em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2011/oct/07/in-praise-of-Tomas-Transtromer25> de junho de 2021.

WILDERSON, FRANK B. *Afropessimismo*. (trad. Rogerio W. Galindo e Rosiane Correia de Freitas). São Paulo: Todavia, 2021.

WILDERSON, FRANK B. Negros não são vistos como humanos, mas objetos, diz autor de 'Afropessimismo' (Entrevista). *Folha de São Paulo*, 21 de junho de 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/06/negros-nao-sao-vistos-como-humanos-mas-objetos-diz-autor-de-afropessimismo.shtml>, acesso em 22/06/2021.

WILLIAMS, Emily Allen. An Interview with Claire Harris. *Wasafiri: Journal of Caribbean, African, Asian and Associated Literatures and Film*, London, vol. 32, n.1, 2000, p.41-43.

Notas

- 1 Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, e-mail: schliane@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5476-2065>
- 2 Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. É atualmente Reitora da UFMG. E-mail: srga@ufmg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6057-977X>

Este artigo foi desenvolvido de ponta a ponta pelas duas autoras, já que ambas trabalham com autoria de mulheres e teorias decoloniais, estabelecendo trocas acadêmicas e trabalhos em coautoria eventualmente.

- ³ “Nigeria entirely different culture forced me to pay attention” (...) “task as a writer was to return to Africa, to its place at the centre, the heart of Western Civilization”.
- ⁴ “painful awareness that “Africans in North America, and of course, Europe, have suffered a traumatic loss. The nations which inflicted and continue to inflict that loss have never been acknowledge their crime (...) There can, of course, be no healing while one group continues to see the other as inherently less than acceptable. There is no acceptance of the scar tissue embroidering it”.
- ⁵ “Written in a variety of styles – short lyrics, long sequences, (...) texts that often claim all the space of a page”, presenting “different ways of approaching things”
- ⁶ The seventies also saw the arrival in Canada of immigrant writers from widely different cultures whose work is only beginning to be generally known: writers from the Caribbean like Claire Harris, Marlene Nourbese Philip, and Dionne Brand, who have drawn on their roots, both political and linguistic, to invent a new poetics – creatively subversive in breaking down the narrowed boundaries of conventional language.
- ⁷ “develops a writing that raises three tightly associated issues: race, access, and the appropriateness of the verbal tradition, literary or linguistic, to their writing”.
- ⁸ How Black women writers who have gained that access, use it to develop a specific response to the problems of writing within a culture that is experienced as alien because of colour, gender and class; and how they balance the need clearly and immediately to tell and retell a history more appropriate to their memories than the one on offer from the culture in power (...).
- ⁹ (...) in 'Black Sisyphus,' the writer reaches out to her childhood and her father. It is a poem concerned with postcolonial contradictions, framed between the Church institutions and her father's own beliefs. Within that tension he too grasps her hand and wants to 'refashion' it, with all the complicated duality of caring and power that parents exercise. (Hunter p.266)
- ¹⁰ To avoid these intellectual lacunae, we need to shift the terms of the debate. It is no longer enough to applaud a coming to voice of writers from ex-centric locations. We must engage their poetics, their structures, styles, influences; the histories of their textual productions, receptions, and circulations; the literal connections between their theoretical poesis and their political praxis, if any.
- ¹¹ “Canada offered me space to write without the self-censorship necessary in a small society. Here I was anonymous, I could afford to fail”.
- ¹² Don't be ashamed because you're human: be proud! Inside you, vaults behind vaults open endlessly. You will never be finished, and that's as it should be
- ¹³ “We will discover that it is their search for a true tongue – a mother tongue – despite all the grammars of imperialism and the primers of subjugation – that enables these writers to create their most authoritative poetry and fiction. We will reveal these truths – unless we are tiring of writing”.